

Onde Brasília vira Babel

■ Confusão entre parlamentares é tanta que só mesmo dicionário pode resolver

MARIA LÚCIA DELGADO

BRASÍLIA – A política é uma arte complicada. Quase sempre é preciso agir como fogo de monturo, ignorar as culhudas, se fingir de mouco e rodear a maçaranduba. Mas, apesar de tudo, os parlamentares sabem que é preciso segurar a macaxeira e estrebuchar quando necessário. O pior é que, não bastassem os meandros da atividade parlamentar, o bom trânsito com os colegas exige um instrumento fundamental: um dicionário de expressões regionais.

Conhecidos como “lordes” do parlamento brasileiro, os senadores reúnem longa experiência política e fazem o possível para usar a linguagem universal na tribuna. Mas quase sempre são traídos pela origem. Já nas conversas informais e nas comissões, eles sempre contam “causos” típicos e abusam do regionalismo. Os representantes das 27 unidades da federação transformam o Congresso, naturalmente, no reflexo do Brasil: uma mistura de culturas, estilos e tradições.

“**Meu tocaio**” – Famoso pela retórica, o senador Pedro Simon (PMDB-RS) é uma “barbaridade” de gaúcho. Outro dia, surpreendeu os ouvintes no plenário: “Na Bíblia, chamava-me muita atenção a figura de Pedro, meu tocaio (xará, aquele que tem o mesmo nome)”, disse. Ele se dirige a políticos de renome como “um baita cara” e finaliza muitas frases com um enfático “puramordedeus” (pelo amor de Deus).

Outra que tem “fama regional” é a senadora Heloísa Helena (PT-AL), apelidada pelos colegas nordestinos de “Brasinha”. O episódio que mais marcou seu mandato foi quando soltou, na CPI dos Bancos, um “teje preso” logo que o

ex-presidente do Banco Central, Francisco Lopes, recusou-se a depor. Há poucas semanas, arrancou risadas no plenário com um empolgado discurso: “Virge, como sou uma mulher de fé”. Outra expressão da senadora que despertou reação no plenário foi “juros esperniantes”.

Entender as expressões regionais pode ser fundamental para selar um acordo. O líder do governo no Senado, José Roberto Arruda (PS-DB-DF), não entrou em entendimento com Heloísa Helena antes que ela lhe explicasse o significado de uma palavra. “Disse a ele que o governo não conseguia manter o quórum e depois eu é que era arengueira (brigona). Arruda ficou me olhando, sem entender nada”, conta.

“**Deflorete**” – O senador Ney Suassuna (PMDB-PB) não se cansa de citar as expressões de sua terra. Disse na tribuna que “o governo está parecendo caldo de batata” (fraco). E depois explicou: “Lá no Nordeste se diz que o governo tem que ser como cobra venenosa: até morta dá medo”. Nas conversas informais, pergunta, quando alguém tem dificuldade de entender a informação, se fulano “tá mouco” (surdo). Às repórteres, sempre cumprimenta com um simpático “ô, mulhé”. E, a seus eleitores, volta e meia, concede um “deflorete” (uma ajudinha).

O senador José Agripino Maia (PFL-RN) garante que os regionalismos são raros na tribuna. Já nas conversas informais a história é outra. “Baiano com baiano, por exemplo, só fala *baianês*. É arretado toda hora”. Ele usa termos regionais “em banda de lata” (em grande quantidade) quando discursa no Rio Grande do Norte.

Defensora do meio ambiente, a senadora

Marina Silva (PT-AC) dá uma aula de Amazônia em seus discursos. “Na Amazônia, quem é pobre pode pegar um tambaqui, um jaraqui, um pirarucu, um mandi”, disse em plenário. A secretária de taquigrafia do Senado vive ligando para o gabinete da senadora para checar algumas palavras e expressões. Na época da votação do salário mínimo, ela fez um discurso em forma de versos, intitulado *A peleja de um Dô-tô Presidente com o Zé do Salário*.

“**Fogo de monturo**” – Marina costumar dizer com frequência que em determinadas situações é preciso rodear a maçaranduba (buscar outra alternativa). Outra citação que desperta curiosidade é “fogo de monturo” (trabalhar nos bastidores, sem fazer alarde, e saber a hora de agir). Nas serrarias da Amazônia, se acumula um pó, chamado de monturo, que sempre queima por baixo, em brasas. Monturo é também o lugar onde se deixa acumular lixo. Também acreano, o senador Tião Vianna (PT), aconselha os amigos a “segurarem a macaxeira” (serem firmes em seu propósito). Macaxeira é sinônimo de mandioca.

Para o senador carioca Artur da Távola (PS-DB-RJ), a função parlamentar exige uma postura na retórica. “Eu mantenho uma conversa carioca na esquina do Rio, mas não aqui”. Vernacular, disse outro dia que o senador Suassuna era muito celerígrado (rápido, veloz) e causou o maior espanto. Távola aponta traços curiosos nos colegas, além da linguagem. Afirma que “os cariocas não toleram chatice, os do Paraná são sempre brigões; o gaúcho leva tudo a sério, mesmo as brincadeiras. E os do Norte são zangados: é só olhar a cara do Jefferson Peres e do Jader”, brincou.